

Leitores e leituras de Honoré de Balzac no Brasil do século XIX

Honoré de Balzac's readers and readings in Brazil in the nineteenth century

Lectores y lecturas de Honoré de Balzac en el Brasil del siglo XIX

Lúcia Granja

Universidade Estadual Paulista

Lilian Tigre Lima

Universidade Estadual Paulista

Resumo

Neste artigo, discute-se, a partir de dados de circulação da obra de Honoré de Balzac no Brasil do século XIX, a presença da prosa ficcional francesa em língua original por aqui, assim como as possíveis contribuições de um público específico, leitor do francês, para a formação da literatura brasileira. Para tanto, o texto divide-se em duas partes: na primeira, tecem-se algumas considerações a respeito do público leitor brasileiro do século XIX, bem como das condições de produção, circulação e recepção da literatura no período, atualizando, ao máximo, a discussão em questão; na segunda parte, a partir de fontes primárias (catálogos da Livraria B. L. Garnier), apresentam-se dados de circulação da literatura balzaquiana em língua francesa no Brasil. A partir daí, propõe-se uma interpretação da circulação dessa obra, bem como se sugere que algumas de suas mais profícuas condições de recepção se deram pelas mãos de José de Alencar, leitor de Balzac.

Palavras-chave: B. L. Garnier, Honoré de Balzac, José de Alencar.

Abstract

Based on data about the circulation of Honoré de Balzac's work in Brazil in the nineteenth century, this article discusses the presence of French fiction (in the original language) here at that time. We analyze the possible contributions of a specific audience, the readers of French, to the formation of Brazilian literature. To do so, this text is divided into two parts: firstly, we discuss the Brazilian reading public from the nineteenth century, as well as the conditions of production, circulation and reception of literature in that period, in order to update the discussion about these subjects; in the second part, based on primary sources (catalogs from the Library of B. L. Garnier), we show and discuss some circulation data on Balzacian literature in French in Brazil. Thus, we propose an interpretation of the circulation of this work in the Brazilian context, and we suggest that some of the most successful conditions for this reception are due to José de Alencar, who was a reader of Balzac.

Keywords: B. L. Garnier, Honoré de Balzac, José de Alencar.



Resumen

En este artículo, se busca analizar, a partir de los datos de circulación de la obra de Honoré de Balzac en el Brasil del siglo XIX, la presencia de la prosa de ficción francesa en el idioma original en Brasil, además de las posibles contribuciones de un público específico, lector del francés, para la formación de la literatura brasileña. Para eso, el texto se divide en dos partes: en la primera, se hacen algunas consideraciones sobre el público lector brasileño del siglo XIX, y también sobre las condiciones de producción, circulación y recepción de la literatura en el período, con el objetivo de actualizar al máximo la discusión sobre el tema; en la segunda parte, a partir de las fuentes primarias (catálogos de la Librería B. L. Garnier), se presentan los datos de circulación de la literatura balzaquiana en lengua francesa en Brasil. Con base en esa discusión, se propone una interpretación de la circulación de esa obra y se sugiere que algunas de sus más productivas condiciones de recepción vinieron de las manos de José de Alencar, lector de Balzac.

Palabras Clave: B. L. Garnier, Honoré de Balzac, José de Alencar.

Introdução

Como se sabe, no século XIX, o Brasil é um país eminentemente analfabeto, marcado pela herança colonial e pela permanência da escravidão. Assim, é comum pensar o Brasil do Oitocentos a partir de uma perspectiva do atraso cultural, cujo quadro de leitores seria constituído unicamente por uma elite privilegiada. No entanto, conforme têm demonstrado pesquisas recentes¹, apesar dos problemas estruturais da sociedade brasileira oitocentista, é necessário buscar tais dados para compreender a escassez e elitização desse público, uma vez considerada a expressiva quantidade de livros em circulação no período.

As mencionadas pesquisas têm demonstrado, ainda, que, embora as relações de “transferência cultural”² entre as diferentes partes do mundo se tenham estreitado a partir do século XIX, o processo de circulação de pessoas, ideias e impressos e, conseqüentemente, de ampliação do acesso à cultura escrita em nível global, não é novidade dos séculos XVIII e XIX. Na realidade, essa globalização remonta já ao início século XVI, a partir da revolução da técnica de produção de impressos e, sobretudo, a partir expansão das monarquias europeias, em especial, as ibéricas, que, por sua vez, dá início à conexão entre as “quatro partes do mundo”³, processo no qual se insere o Brasil do século XIX.

1 Os trabalhos vinculados ao Projeto Temático FAPESP “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX” têm contribuído significativamente para uma melhor compreensão da circulação de impressos, ideias e bens culturais entre Inglaterra, França, Portugal e Brasil no “longo século XIX” (1789 - 1914). Os resultados serão publicados a curto e médio prazos, na forma de três livros que já se encontram no prelo: “Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)”, org. de Marcia Abreu; “Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)”, org. de Lúcia Granja e Tania de Luca; “Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)”, org. de Claudia Poncioni e Orna Messer Levin.

2 ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemandes*. Paris: PUF, 1999.

3 GRUZINSKY, Serge. *Les quatre parties du monde: histoire d'une mondialisation*. Paris: Éditions de la Martinière, 2004.

Nesse sentido, este artigo pretende, a partir de dados de circulação da obra de Honoré de Balzac no Brasil do século XIX, discutir a presença da prosa ficcional francesa em língua original por aqui, assim como as possíveis contribuições de um público específico, leitor do francês, para a formação da literatura brasileira. A partir daí, propõe-se uma interpretação da circulação dessa obra, bem como se sugere que algumas de suas mais profícuas condições de recepção se deram pelas mãos de José de Alencar, leitor de Balzac.

1. O público leitor e as condições de produção e circulação da literatura no Brasil do século XIX

De acordo com José Veríssimo (1977), apenas 16 em cada 100 habitantes sabiam ler no Brasil no final do século XIX, de modo que mais de 80% da população brasileira do final do Oitocentos era considerada analfabeta. Assim, apesar da ampla circulação dos impressos no Brasil demonstrada pelos estudos vinculados ao Temático, os dados oficiais sobre leitores apontam a condição precária do leitorado brasileiro oitocentista, que teria repercutido de modo bastante negativo sobre a nossa produção literária.

Conforme mostra Guimarães (2004, p. 23), já em 1888, Machado de Assis chama a atenção para a problemática do público brasileiro, que aparece figurado em sua obra como um “carapicu”, espécie de peixe rara e difícil de ser apanhada. Nota-se, então, que essa caracterização demonstra a percepção que o escritor brasileiro tinha do seu leitor e revela, ainda, como a problemática do público teria repercutido sobre a produção literária brasileira, de tal modo que, segundo Machado Neto (1973 apud GUIMARÃES, 2004, p. 72-73), até pelo menos 1930, nenhum escritor brasileiro pôde viver unicamente do seu ofício.

Entretanto, embora a escassez cultural do Brasil oitocentista muito deva à permanência da escravidão negra no país, que teria dado origem a um quadro social bastante assimétrico – de um lado, poucos brancos alfabetizados e, de outro, muitos negros analfabetos (LAJOLO e ZILBERMAN, 1996, p. 17) –, a quantidade expressiva de anúncios de compra, venda e procura de escravos fugidos que sabiam ler e escrever, como demonstra Abreu (2003), indica que esse quadro, além de assimétrico, é também bastante complexo. Segue, abaixo, um exemplo extraído do *Diário do Rio de Janeiro*, no final da segunda década do século XIX:

70 Fugio de bordo da Lancha Penha no dia 29 para 31 do mez de Outubro do anno p.p., hum escravo criculo, de nome Antonio, que em algum tempo foi do Convento de Santo Antonio; e hoje pertencente ao Tenente Constantino Cardozo Guimarães da Villa de Campos, o qual tem os signaes seguintes: he baixo, rosto comprido, muito picado de bixigas, meio fula, tem signaes d' alpercas, e lanceta no pescoço, sabe ler e escrever; quem o pegar, ou der noticia do mesmo na rua d' Ouvidor N. 83 receberá boas alviçaras em recompensa de seo trabalho.

Figura 1: Imagem extraída do *Diário do Rio de Janeiro*, 02 de janeiro de 1829.



70 Fugiu de bordo da Lancha Penha no dia 29 para 31 do mês de outubro do ano p.p., um escravo crioulo, de nome Antônio, que em algum tempo foi de Convento de Santo Antônio; e hoje pertencente ao Tenente Constantino Cardozo Guimarães da Villa de Campos, o qual tem os sinais seguintes: é baixo, rosto comprido, muito picado de bexigas, meio fula, tem sinais d'alporcas, e lanceta no pescoço, sabe ler e escrever; quem o pegar, ou der notícia do mesmo na rua d'Ouvidor N. 83 receberá boas alvissaras em recompensa de seu trabalho (Transcrição de anúncio do *Diário do Rio de Janeiro*, 02 de janeiro de 1829).

Conforme destacam Lajolo e Zilberman (1996), a problemática da produção literária no Brasil do século XIX não se deve somente ao reduzido número de leitores, mas, sobretudo, ao tardio desenvolvimento da imprensa. Enquanto na Europa, os periódicos impressos, bem como editoras e livrarias, multiplicavam-se expressivamente a partir do final do XVIII, no Brasil, foi, sobretudo, a partir do século XIX que começaram a surgir elementos fundamentais para a produção e divulgação da literatura, como tipografias e livrarias.

Um dos fatores responsáveis pela tardia expansão da imprensa e, conseqüentemente, pela carência intelectual no Brasil no século XIX, foi o alvará de 1720, que impedia a instalação de manufaturas vinculadas à atividade tipográfica no país. De acordo com Abreu (2010), com a transferência da Côrte portuguesa para o Rio de Janeiro, deu-se a criação, em 13 de maio de 1808, da Impressão Régia, que monopolizou a atividade tipográfica no Rio de Janeiro até 1821.

O monopólio da Côrte portuguesa sobre a impressão no Brasil, que se manteve, grosso modo, até a época da Independência, obedecia ao temor em relação à suposta propagação de ideias progressistas e revolucionárias na colônia. Logo, serviu como uma estratégia de censura, cujo objetivo era impor certo controle sobre a circulação de informações no país. Assim, para além da carência de leitores, o desenvolvimento da produção literária brasileira teria enfrentado outros três vilões: a escassez cultural do período colonial, as dificuldades técnicas e a censura portuguesa. No entanto, segundo El Far (2006), tais condições não conseguiram impedir que alguns poucos eruditos, como comerciantes e religiosos, desenvolvessem mecanismos próprios para a produção de impressos no Brasil, já a partir do no final do século XVIII.

Além disso, Abreu (2010) demonstra que, embora a Impressão Régia fosse destinada exclusivamente à impressão de papéis oficiais do governo, isso não impediu que esses mesmos prelos também fossem utilizados para a impressão de escritos de natureza diversa, tais como: "obras de Medicina, de Economia, de Direito, de História e de Teologia, além de periódicos e de livros didáticos." (ABREU, 2010, p. 44). Ademais, apesar de toda a interdição e monopólio impostos pela Côrte sobre a produção de impressos no Brasil, já no início do século XIX, o ritmo de crescimento de publicações é impressionante, como destaca a mesma estudiosa (2010, p. 53). A título de exemplificação, em 1810, dois anos após o funcionamento da casa oficial, 24 títulos eram anunciados sob a iniciativa de Paulo Martin, sendo divulgados outros 15, poucos meses depois. Embora pareça pouco, a autora argumenta que, levando em conta a prioridade dos documentos oficiais, bem



como o tempo que se gastava para obter autorização para a impressão, a quantidade de títulos publicados no Brasil no início do Oitocentos, sobretudo sob a iniciativa de Paulo Martin, pode ser considerada bastante expressiva.

Desse modo, apesar das restrições impostas pela Côrte ao Brasil durante séculos, pode-se dizer que o estabelecimento da Família Real portuguesa no Rio de Janeiro em 1808 deu início a uma nova fase histórica, que proporcionou inúmeros avanços políticos, sociais e culturais ao país. Segundo El Far (2006), com a presença da administração real, estabeleceram-se progressivamente condições para a futura emancipação política e econômica da Colônia, bem como criaram-se condições para o desenvolvimento de um novo cenário cultural na capital do país, através da fundação da Real Biblioteca e da criação das primeiras instituições de ensino superior da Colônia.

Nesse sentido, Abreu (2003) ressalta que, apesar de todas as restrições quanto ao acesso à educação e à cultura letrada, havia no Brasil oitocentista grande interesse pela instrução escolar informal das crianças. Nessa época, era muito comum, por exemplo, que homens e mulheres franceses, que migravam para a ex-colônia portuguesa a fim de conquistar novas oportunidades de trabalho, fossem contratados para oferecer educação doméstica às crianças de origem abastada, com as quais se justavam filhos de parentes, conhecidos e servidores, que, embora analfabetos, podiam ouvir leituras em voz alta.

Assim sendo, de acordo com Paixão (2012), a língua e a cultura francesas começaram a se instalar no território brasileiro desde o século XVI, sobretudo com os marinheiros que, ao visitar as regiões costeiras, relacionavam-se com as índias, difundindo a língua e os costumes franceses. O autor destaca ainda que o gosto pela literatura francesa, em língua original, desenvolveu-se no Brasil desde o período colonial, o que, no limite, permite inferir que esse interesse estendeu-se também para o período imperial, de tal modo que “o gosto pela língua e literatura francesa no Império pode ser visto como algo que uma elite ilustrada nos legou” (PAIXÃO, 2012, p. 34-35).

Desse modo, conforme aponta Paixão (2012), graças ao estabelecimento de profissionais franceses na Colônia e ao prestígio sociocultural da França, a língua e a cultura francesas estiveram presentes no cotidiano dos habitantes dos grandes centros urbanos do Brasil desde as primeiras décadas após o Descobrimento até o século XIX, e, por isso, veio contribuir significativamente para a formação do nosso público leitor, em especial, o público feminino, consumidor assíduo de romances-folhetins franceses, bem como para a formação da nossa literatura.

De acordo com Muller (2011), a produção literária brasileira do século XIX assimilou muitos aspectos da prosa ficcional francesa, isso porque “desde fins do século XVIII, narrativas francesas circulavam por aqui, preenchendo, em grande medida, o imaginário romanesco nacional” (MULLER, 2011, p. 70). Segundo a autora, entre 1857 e 1858, das 508 narrativas ficcionais anunciadas no *Jornal do Commercio*, 371 eram francesas (MULLER, 2011, p.67). Assim, considera-se que a “avultada quantidade de títulos em língua francesa denota a existência de uma parcela do público – considerável, ao que tudo indica – que dominava o idioma” (MULLER, 2011, p. 66).



Em consonância, outro fator que teria contribuído significativamente para a difusão da literatura francesa no Brasil e para a formação de um público leitor do francês para a literatura brasileira foi a progressiva instalação de tipógrafos e livreiros-editores franceses por aqui já no começo do século XIX (GRANJA, 2016), entre os quais teve grande destaque o francês Baptiste-Louis Garnier, do qual falar-se-á no capítulo seguinte.

Com a consolidação das livrarias e editoras francesas no Brasil na segunda metade do século XIX, os livreiros-editores, a fim de conquistar um mercado ainda não estruturado, passaram a investir fortemente na publicação de textos curtos e de baixo custo. E isso foi possível graças ao constante barateamento do impresso, gerado pela introdução da prensa a vapor, que transformou a atividade tipográfica tradicional, pela constante queda no preço do papel e, sobretudo, pela criação, por volta da década de 1850, das famosas coleções populares na Europa.

Segundo Mollier (2008), no início do século XIX, o mercado editorial francês desenvolveu uma forte tendência à redução do custo do material impresso com a intenção de aumentar o consumo de massa e, assim, atingir leitores provenientes das camadas menos favorecidas. Esse processo de barateamento dos livros teve início na Bélgica e alcançou seu auge na França, em meados da década de 1830, com a “Revolução Charpentier”. Por meio da criação do formato popular in-18°, Gervais Charpentier modificou completamente o comércio de livros na França, reagindo à concorrência dos impressores estrangeiros e ampliando as possibilidades de acesso à cultura escrita (MOLLIER, 2008, p. 87).

Outro importante editor que teve seu nome marcado na história da revolução editorial francesa foi Michel Lévy, que, inspirado no exemplo de Charpentier, criou, na década de 1850, a popular “Collection Michel Lévy”. Conhecido como um dos grandes responsáveis pela “revolução no preço do livro na França”, o editor francês promoveu uma redução expressiva no preço do livro com a publicação de grandes tiragens em formato in-18, vendendo a unidade em brochura a 1 franco e a unidade encadernada a 1,50 franco (MOLLIER, 1994). Com isso, o editor obrigou seus concorrentes a se adequar, ampliando as possibilidades de acesso ao livro.

Com o desenvolvimento do mercado editorial estrangeiro, os livreiros-editores franceses em atividade no Brasil demonstraram, da metade para o final do XIX, cada vez mais preferência pelas edições de baixo custo, a fim de atingir uma parcela maior de leitores. Pouco a pouco, as edições “baratas” se espalharam pelo Rio Janeiro e até mesmo por regiões mais distantes (EL FAR, 2006). Desse modo, apesar do reduzido número de leitores, a disponibilização de edições de baixo custo, bem como o investimento em ações mercadológicas por parte dos livreiros-editores em atividade no Brasil, levaram a população à possibilidade de acesso à cultura escrita cada vez maior, contribuindo, assim, não só para o desenvolvimento da atividade editorial brasileira, mas também para o próprio estreitamento das relações culturais entre a França e o Brasil.

Nota-se, portanto, que buscar caracterizar o público leitor brasileiro do século XIX, bem como compreender as condições de produção, circulação e recepção da literatura

nesse mesmo período, é um atarefa longe de ser esgotada, pois os dados recentes, como se disse, colocam o pesquisador frente a um paradoxo: apesar das limitações sociais e culturais do Brasil da época, o país estava completamente inserido em um movimento internacional de circulação de impressos, intensificado, sobretudo, a partir da instalação de livreiros-editores franceses no país.

2. Circulação e recepção de Honoré de Balzac no Brasil do século XIX

De acordo com Sodré (1964, p. 433), no século XIX, “o mercado brasileiro era dominado pelo produto francês”, o que, segundo o autor, muito se deve à supervalorização e ao prestígio da cultura francesa e à presença cada vez maior de profissionais franceses no país, entre os quais teve grande destaque o livreiro-editor Baptiste-Louis Garnier. Considerado “o mais importante editor brasileiro do século XIX” (HALLEWELL, 2005, p. 197), B. L. Garnier instalou, no Rio de Janeiro, em 1844, a respeitada “Livraria de B. L. Garnier”, que mais para frente viria a ser considerada a principal produtora de catálogos de livraria do Brasil oitocentista.

Nesse período, devido às vantagens econômicas trazidas pela Independência, o mercado brasileiro se mostrava bastante atraente para o comércio editorial francês. Além disso, segundo Hallewell (2005), o despontar de um sentimento nacionalista no Brasil recém independente fez com que o país atribuísse à Portugal a culpa pelo atraso nacional e, por outro lado, se considerasse tudo o que era francês como moderno e inovador. Logo, por esse entre outros motivos, os livreiros-editores franceses, entre eles B. L. Garnier, encontraram no Brasil um mercado promissor para o desenvolvimento do comércio de livros.

Instalado no Brasil na condição de filial da livraria-editora “Garnier Frères”, situada em Paris e administrada pelos irmãos François Hippolyte, Auguste Désiré e Pierre Auguste Garnier, o estabelecimento de B. L. Garnier no Rio de Janeiro, a princípio apenas com uma livraria, comercializou em território brasileiro, até pelo menos o final da década de 1850, somente títulos impressos na Europa, exclusivamente aqueles publicados em língua francesa. Reunidos e digitalizados a partir dos acervos da *Bibliothèque Nationale de France*⁴, restam como traços dessas atividades alguns catálogos da B. L. Garnier impressos em Paris na década de 1850, destinados exclusivamente à divulgação pela filial brasileira, conforme demonstra o aviso inserido na contracapa de cada catálogo, no qual se reitera o vínculo com o mercado francês e a qualidade das impressões feitas em Paris:

4 Tais materiais foram reunidos e digitalizados pela Profa. Dra. Lúcia Granja (UNESP) e pela coordenadora geral do Projeto, Profa. Dra. Márcia Azevedo Abreu (UNICAMP), no quadro de suas pesquisas dentro do Projeto Temático FAPESP 2011/07342- 9 - “A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”, e do projeto anterior, “Caminhos do romance”, também coordenado pela Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu.

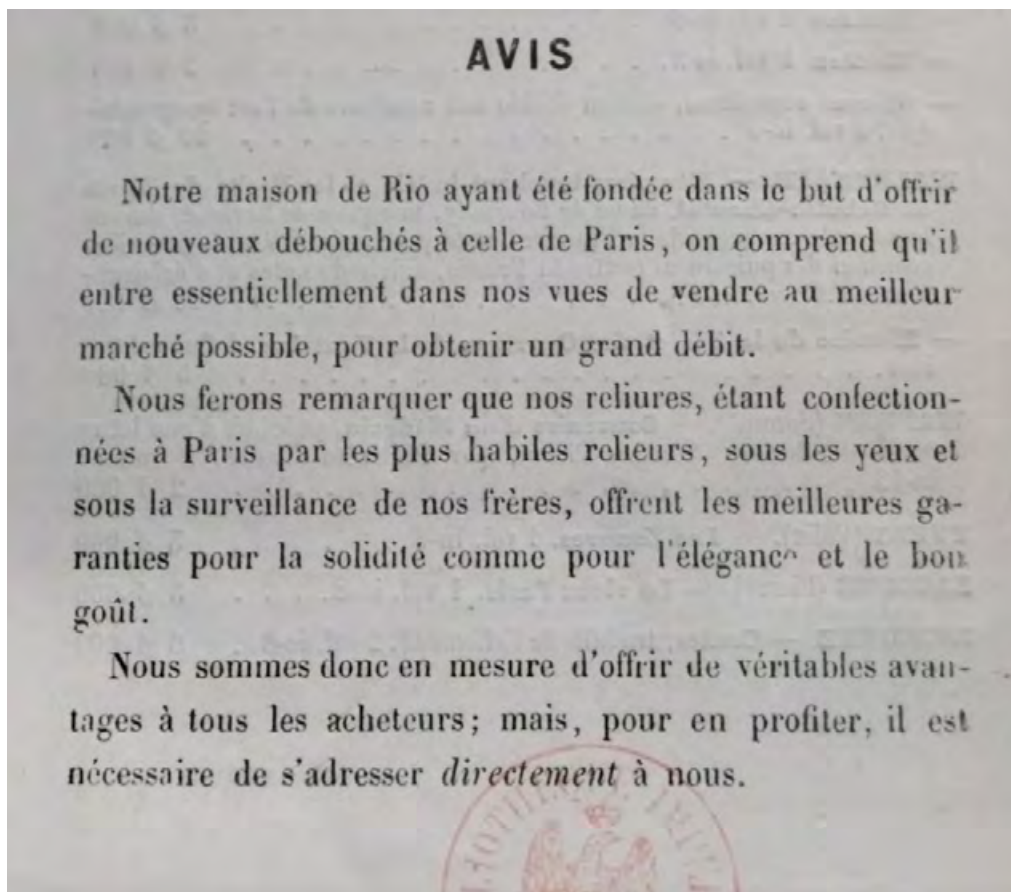


Figura 2: Imagem extraída da série 8Q10B de catálogos de livreiros da *Bibliothèque National de France* Catálogo nº 10 *Nouvelles et romans variété*.

Como se vê pelo catálogo acima:

Nossa casa do Rio tendo sido fundada com o objetivo de oferecer novas possibilidades à de Paris, acreditamos que isso se encaixa essencialmente em nossa perspectiva de vender o mais barato possível, para obter um grande giro.

Gostaríamos de salientar que as nossas encadernações, sendo confeccionadas em Paris pelos encadernadores mais hábeis, sob os olhos e sob a supervisão de nossos irmãos, oferecem as melhores garantias pela solidez como pela elegância e bom gosto.

Somos, portanto, capazes de oferecer verdadeiras vantagens para todos os compradores; no entanto, para apreciá-las, é necessário dirigir-se diretamente a nós. (Tradução nossa).

Divulgados no Brasil por B. L. Garnier, provavelmente, nos fins da década de 1850, os três catálogos que traziam textos literários anunciavam romances, teatro e poesia, além de enciclopédias, textos críticos, notas biográficas, tudo organizado em uma única seção e em ordem alfabética, considerando-se, em primeiro lugar, o nome do autor. Logo, diferente dos demais publicados em português a partir de 1860, nesses catálogos,



o critério central de classificação era o autor e não havia divisão por seções ou coleções (DUTRA, 2010; GRANJA, 2013). Assim, é possível que, na fase de livreiro, Garnier tenha dado maior importância à oferta do autor, e não da obra.

Considerada por Casanova (2002) “o meridiano de Greenwich literário”, a Paris do século XIX consolidou-se como um importante centro produtor e divulgador de livros e cultura. E o Brasil, por sua vez, que também estava inserido nesta “República Mundial das Letras”, caracterizou-se como um importante consumidor da cultura e da prosa ficcional francesa, de tal modo que, nos três catálogos analisados, a maioria incontestável das obras anunciadas é de autoria francesa, tais como: Alexandre Dumas, Chateaubriand, Eugène Sue, Honoré de Balzac, Paul de Kock, Victor Hugo, entre os quais se encontram outros escritores da literatura ocidental traduzidos para o francês, tais como: Miguel de Cervantes, Charles Dickens e Fenimore Cooper. Neste artigo, em que são focalizados os dados de circulação da obra de Honoré de Balzac, tendo em vista as possíveis contribuições de sua obra para a formação do público brasileiro leitor de romances, destaca-se a importância disso para o desenvolvimento e fixação da prosa de ficção brasileira, especialmente considerando a de José de Alencar.

Um dos mais influentes escritores de sua época, Honoré de Balzac deixou como legado uma das maiores produções literárias do início do século XIX, além de uma contribuição singular para a consolidação do romance e formação da estética realista. Embora posterior a Rabelais, Mme. de Lafayette, Scarron, Mairieux, Prévost, entre outros, Balzac foi o primeiro romancista francês a ganhar visibilidade em toda a Europa (TAILLANDIER, 2006, p. 11). Além da apropriação que o autor faz da narrativa de Walter Scott, um dos maiores *best-sellers* de sua época (LYONS, 1990), talvez o sucesso de Balzac se deva, mais precisamente, à imposição que o escritor faz a um novo modelo de romance: “o romance como pintura da sociedade” (TAILLANDIER, 2006, p. 11).

Como toda sua vida pessoal e profissional, marcadas pelo acúmulo de dívidas e conflitos com seus editores, a obra de Balzac não é menos complexa. Conforme afirma Martyn Lyons (1990, p. 419), embora a história literária francesa tenha consagrado a posteriori o nome de Balzac, os indícios sobre a circulação e apreciação de sua obra pelo público leitor francês da primeira metade do século XIX não são tão generosos. Segundo o pesquisador, a partir de critérios estritamente mercadológicos de venda e produção, os romancistas franceses que de fato atingiram sucesso de público na França em meados do século XIX foram, entre outros, Alexandre Dumas, Eugène Sue e Jules Verne. Diferentemente desses *best-sellers*, que alcançavam, em média, 50.000 exemplares por edição a partir de 1850, a tiragem global de Balzac, com *La Peau de chagrin* e *La Phylogie du mariage*, seus grandes sucessos de venda, não superou 20.000 exemplares.

No entanto, de acordo com Lyons (1990, p. 414), é preciso considerar que as ausências nas listas de *best-sellers* podem ser tão significativas quanto as presenças, especialmente quando as obras em questão são amplamente apreciadas pela crítica. Além disso, não se pode comparar a circulação da obra de Balzac com os mesmos



parâmetros da obra de Alexandre Dumas, de Eugène Sue e Jules Verne, isso porque, diferente do autor d'*A Comédia Humana*, cuja produção literária se concentrou, sobretudo, na década 1830, os três *best-sellers* franceses escreveram mais precisamente a partir da década de 1850, quando surgiram na França as famosas coleções populares citadas anteriormente.

Por outro lado, Lyons (1990) observa que, embora a obra de Balzac, surpreendentemente, não figure entre os grandes sucessos de venda da época, a preferência do autor pela publicação em folhetim talvez justifique a menor circulação de sua obra em livro. Grande colaborador das revistas literárias da época, Balzac, já em 1829, sete anos antes de um romance ocupar o rodapé do jornal, publicava pequenas narrativas “cortadas em pedaços” na *Revue de Paris* e na *Revue des Deux Mondes*, modelo que mais tarde serviria de inspiração a Émile de Girardin na formação do romance-folhetim. Assim, pode-se dizer que a construção textual fragmentada, o prolongamento proposital do romance e a rapidez com que escrevia Balzac, além de estarem associados à própria dinâmica do jornal, talvez também estejam relacionados à preferência do autor por esse suporte.

Por outro lado, embora a circulação da obra de Balzac em livro, na França oitocentista, não tenha sido tão expressiva quanto a de seus contemporâneos, isso não significa necessariamente que essa literatura não tenha se difundido com maior fôlego pelo resto da Europa, conforme afirma Taillandier (2006), e, inclusive, pelo Brasil. A partir da análise dos catálogos de número 9, 10 e 11, de B. L. Garnier, publicados na França, ainda totalmente em francês, entre 1857 e 1858, verificou-se que foram anunciados, no Brasil, em língua original, o total de 94 títulos de Balzac.

Considerando-se esses dados, pode-se dizer que a literatura de Balzac, publicada em livro e em língua original, teria sido significativamente ofertada no Brasil, por B. L. Garnier, nos finais da década de 1850. Ademais, a partir da análise detalhada dos catálogos e de seus respectivos títulos, observou-se que as obras de Balzac anunciadas pelo editor francês em território brasileiro seriam, provavelmente, edições de luxo, uma vez que publicadas, em sua maioria, em formato in-8º, e vendidas a um preço três ou quatro vezes maior do que as edições em formato in-18º. Logo, é muito provável que os títulos balzaquianos ofertados por B. L. Garnier no Brasil tenham sido as coleções publicadas em formatos maiores por Pierre-Jules Hetzel na França, entre 1842 e 1848, quando Balzac não havia ainda autorizado a edição de sua obra por Michel Lévy (MOLLIER, 1994, p. 149), um dos principais responsáveis pelo processo de “barateamento” dos livros, na França.

Por outro lado, verificando como se teria dado a circulação de Balzac nos jornais brasileiros, observou-se que, curiosamente, a literatura balzaquiana, bastante ofertada em livro no Brasil por B. L. Garnier, apresenta raríssimas aparições em folhetim, sendo encontradas apenas quatro traduções adaptadas entre as décadas de 1830 e 1840, conforme demonstram os trabalhos de Wimmer (1983) e Heineberg (2004).



Ano	Obra	Forma de publicação	Veículo de Publicação
1836	<i>A luva misteriosa</i>	Folhetim	<i>O Chonista</i>
1840	<i>Os dois carrascos: história sentimental do século XIX</i>	Folhetim	<i>Jornal do Commercio</i>
1849	<i>Sarrasine</i>	Folhetim	<i>Correio Mercantil</i>
1849	<i>Os sete pecados mortais</i>	Folhetim	<i>Correio Mercantil</i>

Tabela 1: Dados coletados a partir dos trabalhos de Wimmer (1983) e Heineberg (2004)

Assim, diferentemente do que se tem pensado, Balzac não teria sido tão divulgado em língua portuguesa no Brasil, na primeira metade do século XIX, tal como Alexandre Dumas, Eugène Sue e Paul de Kock. Apesar disso, de acordo com Wimmer (1983), a literatura balzaquiana manteve importante relação com a formação do romantismo brasileiro, especialmente no que diz respeito ao romance de José de Alencar, que se teria inspirado no autor francês, sobretudo, na produção de seus romances urbanos, nos quais se observa forte crítica à sociedade fluminense do século XIX.

Segundo Moraes Pinto (1999), a escolha da França como modelo cultural pelos intelectuais brasileiros do século XIX é, em parte, resultado de um sentimento de negação à política de exploração instaurada por Portugal no Brasil durante séculos. Assim, nas palavras da autora,

Tratou-se, pois, de recusar, no período que se seguiu à independência, o velho Pai português, estigmatizado como metrópole opressora, e designar, em livre escolha, um Pai adotivo que reunisse qualidades compatíveis com as exigências da autonomia nascente. A preferência recaiu sobre a França. (MORAES PINTO, 1999, p. 20).

Desse modo, é como se a França, a nação da Revolução Francesa, referência na luta pela liberdade e pelos Direitos do Homem, servisse de espelho às nações americanas na busca pela afirmação da identidade nacional. Além disso, segundo Moraes Pinto (1999), foi justamente essa necessidade do despertar da consciência nacional que fez com que Alencar se esforçasse para produzir uma literatura ao nível das literaturas mais antigas, em especial, da francesa, de modo que a apropriação do modelo francês por Alencar não é entendida aqui como submissão, mas como consciência de um estilo literário inovador (o Romantismo), pautado na valorização da cor local, sem, com isso, abrir mão das formas oriundas dos grandes centros civilizados.

Ainda segundo a autora, um importante indício sobre a relação de Alencar com a literatura francesa também pode ser verificado em sua autobiografia *Como e porque sou romancista*. Escrito em 1873, sob a forma de carta, o texto foi publicado somente em 1893, pela Tipografia Leuzinger, posteriormente à morte do escritor, portanto. Conforme se pode observar em sua autobiografia, quando criança, Alencar tinha



o hábito de ler, em voz alta, romances antigos para a mãe e para as tias. Assim, o gosto por essa forma literária pode ter vindo ao escritor desse hábito de leitura: “Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária, que é entre todas a de minha predileção?” (ALENCAR, 1990, p. 18).

Além disso, segundo o próprio Alencar (1990, p. 20), havia em sua casa uma pequena coleção de romances europeus: “Nosso repertório romântico era pequeno; compunha-se de uma dúzia de obras, entre as quais primavam a: *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outros de que já não me recordo”. Em sua autobiografia, José de Alencar chega a citar, inclusive, alguns escritores franceses, entre eles Balzac, cujos romances leu em língua original, apenas com um dicionário em mãos:

Encerrei-me com o livro, e preparei-me para a luta. Escolhido o mais breve dos romances, armei-me do dicionário, e tropeçando a cada instante, buscando significados de palavra em palavra, tornando atrás para reatar o fio da oração, arqueei sem esmorecer com a ímproba tarefa. Gastei oito dias com a *Grenadière*, porém um mês depois acabei o volume de Balzac; e no resto do ano li o que então havia de Alexandre Dumas e Alfredo de Vigny, além de muito de Chateaubriand e Victor Hugo (ALENCAR, 1990, p. 40)

Nota-se, então, que a literatura francesa fez, desde muito cedo, parte do repertório de leitura do nosso romancista, sendo, portanto, fundamental em sua formação enquanto escritor e na composição de sua obra. Nos romances indianistas e históricos, por exemplo, é evidente a presença de Chateaubriand. Por outro lado, nos romances urbanos, são indiscutíveis as contribuições de Alexandre Dumas Filho, Bernadin de Saint-Pierre, Feuillet, George Sand e, claro, de Honoré de Balzac.

Meu companheiro de quarto era dos amigos de Otaviano e estava no direito de usufruir sua opulência literária. Foi assim que um dia vi pela primeira vez o volume das obras de Balzac nessa edição em folha que os tipógrafos da Bélgica vulgarizam por preço módico (ALENCAR, 1990, p. 39-40).

Embora publicada somente em 1873, a autobiografia revela que o primeiro contato de Alencar com a literatura balzaquiana deu-se no período em que o escritor cearense cursou Direito em São Paulo, portanto, entre 1846 e 1850. Assim, é possível inferir que as edições consumidas por Alencar, que, conforme afirma, correspondem à contrafação belga, teriam sido comercializadas no Brasil anteriormente às edições anunciadas por B. L. Garnier entre 1857 e 1858. Conseqüentemente, pode-se inferir ainda que Balzac teria circulado no Brasil em língua francesa já na primeira metade do século XIX, a partir das edições belgas.



Considerações Finais

Por fim, não se pode falar em público leitor brasileiro do Oitocentos e nem em formação da literatura brasileira sem considerar a forte presença da prosa ficcional estrangeira no Brasil no século XIX. Mesmo que em edições clandestinas, a Literatura Francesa, consumida em língua original, fez parte do imaginário e do repertório de leitores privilegiados, os escritores brasileiros da época, que a sorveram e devolveram ao público leitor em formação, em geral. Além disso, não se pode pensar as práticas de leitura no Brasil sem recorrer às fontes primárias, as quais ajudam a recompor o quadro dos livros, leitores e leituras que circularam no Brasil, em forma de um mosaico. Nesse sentido, tendo em vista o levantamento cada vez mais claro dos dados de circulação da obra de Balzac em terras brasileiras, inclusive pelo testemunho de Alencar, “o nosso pequeno Balzac” (CANDIDO, 1959, p. 229), fica cada vez mais completo o quebra-cabeças das práticas de leitura da literatura estrangeira no Brasil, em sua relação com a formação da literatura nacional.

Referências

- ABREU, M. *Os caminhos dos livros*, Campinas-SP: Mercado de Letras / Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: FAPESP, 2003.
- ABREU, M. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: ABREU, M.; BRAGANÇA, A. (orgs.): *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 41-65.
- ALENCAR, J. de. *Como e porque sou romancista?* Adaptação ortográfica Carlos de Aquino Pereira. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- CANDIDO, A. *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*. São Paulo; 2.ed. Livraria Martins editora, 1959.
- CASANOVA, P. *A República Mundial das Letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DUTRA, E. de F. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: ABREU, M.; BRAGANÇA, A. (orgs.) *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 67-99.
- EL FAR, A. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2006.
- GRANJA, L. Rio - Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier. *Letras (UFSM)*, v. 23, n. 47, 2013, p. 81-95.
- GRANJA, L. Crossing a century: printers, bookseller and publishers in nineteenth-century Brazil. In: Marcia Abreu; Ana Claudia Suriani da Silva. (Org.). *The cultural revolution of the nineteenth century. Theatre, The book-trade and reading in transatlantic world*. 1ed. London: I. B. Tauris, 2016, v. 1, p. 87-101.
- GUIMARÃES, H. S. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2004.



HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil: sua História*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2005.

HEINEBERG, I. *Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1839-1870)*. Tese de doutorado. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle, 2004.

LAJOLO e ZILBERMAN. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

LYONS, M. Les best-sellers. In : CHARTIER, R. MARTIN, H. J. *Histoire de l'édition française: le temps des éditeurs, du romantisme à la Belle Époque*. Fayard: Cercle de la Librairie, 1990, p. 409-448.

MOLLIER, J. Y. *Michel et Calmann Lévy ou la naissance de l'édition moderne. 1836-1891*. Paris: Calmann-Lévy, 1994.

MOLLIER, J. Y. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*; tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MORAES PINTO, C. Q. de M. *Alencar e a França*. Perfis, 1ªed. São Paulo: Annablume, 1999.

MULLER, A, C, P. A ficção francesa e a consolidação do romance no Brasil. In: IX Seminário Internacional de História da literatura, 2011, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre-RS: Edipucrs, 2011.

PAIXÃO, A. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. Tese de Doutorado: São Paulo: USP, 2012.

SODRÉ, N. W. *História da literatura brasileira*. 4. ed., Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1964.

TAILLANDIER, F. *Balzac*. Trad. de Illana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2006.

VERÍSSIMO, J. *Estudos da Literatura brasileira*. Belo Horizonte: Ed: Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

WIMMER, N. *Lectures de Balzac au Bresil au XIXe. siècle*. Dissertação (Mestrado). USP: Universidade de São Paulo, 1983. (dissertação mimeografada).

Recebido em 20/10/2016.

Aceito em 20/12/2016.

Lúcia Granja

Doutora em Letras pela UNICAMP (1997), professora de Literatura Brasileira na UNESP desde 2004, câmpus de São José do Rio Preto, pesquisadora e docente da pós-graduação em Letras na mesma instituição e unidade universitária. E-mail: lgranja@uol.com.br

Lilian Tigre Lima

Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/IBILCE, câmpus de São José do Rio Preto e bolsista FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, protocolo 2015/24025-5. E-mail: liliandelima17@hotmail.com